

O CHAMADO DE ABRAÃO PARA CANAÃ (GÊNESIS 12)

Após os relatos do pecado se alastrando pelo mundo e após o castigo divino com o dilúvio (caps. 1 a 11), a segunda maior seção de Gênesis estreita o foco (caps. 12 a 50). No capítulo 12, o Senhor começou a executar o Seu plano de reverter a maldição que Ele pronunciara aos seres humanos por causa da rebeldia no jardim. Através de Abraão, Isaque e Jacó, Deus começou a estabelecer a nação de Israel, o Seu povo escolhido. Desta linhagem, o Messias (segundo sua genealogia humana) finalmente viria à terra.

O capítulo 12 fala do chamado de Deus a Abraão e das promessas que Ele inicialmente fez a esse patriarca. O capítulo também reporta a resposta favorável de Abraão a esse chamado e sua chegada a Canaã, a Terra Prometida. O fim do capítulo indica que, devido a uma fome, Abraão residiu temporariamente no Egito. Apesar das falhas do patriarca, Deus preservou sua família e manteve Suas promessas.

O CHAMADO DE ABRAÃO (12:1–3)

¹Ora, disse o Senhor a Abrão:

Sai da tua terra,
da tua parentela
e da casa de teu pai
e vai para a terra que te mostrarei;

²de ti farei uma grande nação,
e te abençoarei,
e te engrandecerei o nome.

Sê tu uma bênção!

³Abençoarei os que te abençoarem
e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem;
em ti serão benditas todas as famílias da
terra.

Versículo 1. O autor de Gênesis partiu do princípio de que Deus já tinha feito um chamado anterior a Abraão (veja 11:31): Deus já o havia chamado para sair de Ur, sul da Mesopotâmia. Isto é declarado em Gênesis 15:7, e em Neemias 9:7 e em Atos 7:2–4. No momento em que o Senhor chamou Abraão para sair de Harã, o patriarca já tinha vivido tantos anos ali que considerava aquele lugar a sua pátria. Por isso, o imperativo divino foi para **Abrão** sair da sua **terra**, da sua **parentela**, e **da casa de seu pai** e ir **para a terra** que o Senhor lhe **mostraria**. Neste chamado, as instruções divinas sobre a partida de Abraão foram bem abrangentes. O vocabulário do chamado passou de coisas gerais para específicas, indicando uma separação completa das relações familiares. Primeiramente, sua “terra” incluía toda a região adjacente a Harã. Em segundo lugar, “parentela” representava o grupo étnico mais amplo ao qual ele pertencia. Por fim, “casa do teu pai” indicava a família extensiva de Tera, identificada na genealogia de 11:27–32. Deixar a terra, a parentela e a casa de seu pai significava que Abraão renunciaria seus direitos de herança, os quais certamente incluíam as propriedades da família.

O imperativo “vai” é enfatizado pelo uso de um pronome reflexivo (לך-לך, *lek-leka*), para que a sentença signifique literalmente “Vai-te”¹. Este era um lembrete a Abraão de que, apesar da ordem divina para que ele deixasse seus parentes em Ur no primeiro chamado, ele os levou consigo até Harã. A ordem poderia ser traduzida com maior preci-

¹Kenneth A. Mathews, *Genesis 11:27—50:26*, The New American Commentary, vol. 1B. Nashville: Broadman & Holman Publishers, 2005, p. 109.

são ainda desta forma: “Vá sozinho”². Este detalhe deve ter preparado o patriarca para o anúncio de que seu destino era a terra que Deus estava reservando para a “grande nação” que dele descenderia (12:2, 7).

Além disso, a incumbência implicava que Deus esperava que Abraão rompesse completamente com seus parentes a fim de estabelecer sua própria identidade como um homem de Deus, sem pressões ou distrações familiares. O plano divino para a vida de Abraão só poderia se cumprir desde que ele andasse pela fé obediente – confiando no Senhor, seu único mapa rodoviário, e seguindo-O até a terra da promessa. O escritor de Hebreus observou: “Pela fé... partiu sem saber aonde ia” (Hebreus 11:8).

Versículo 2. Deus fundamentou Seu chamado com uma promessa sêxtupla, e começou dizendo: **De ti farei uma grande nação** (veja 18:18; 21:18; 46:3). Esta pode ter sido a promessa mais difícil de acreditar porque o patriarca já tinha setenta e cinco anos e tinha uma esposa estéril, de sessenta e cinco anos; ela não havia conseguido conceber e dar à luz a nenhum filho (11:30). Tudo concernente a este chamado exigia fé no “invisível” (a terra) e no “ainda não” (os descendentes) que Deus prometeu dar a Abraão (veja Hebreus 11:1, 6–10).

Após a promessa de fazer de Abraão “uma grande nação”, o Senhor lhe fez uma promessa de natureza geral: **E te abençoarei**. Neste trecho dos versículos 2 e 3, a promessa de abençoar se destaca: por cinco vezes essa palavra ocorre na forma verbal ou nominal. O verbo “abençoar” (בָּרַךְ, *barak*) ocorre com mais frequência em Gênesis do que nos demais livros do Antigo Testamento. Dependendo do contexto, ele significa que Deus escolhe abençoar Seu povo de muitas maneiras: com prosperidade, bem-estar, vida longa, paz, boa colheita, fertilidade para gerarem filhos e assim por diante.

Embora a segunda sentença seja uma bênção geral, Deus acrescentou: **E te engrandecerei o nome**. No antigo Oriente Próximo, era comum se fazerem inscrições louvando ou prometendo um grande nome a reis. Um paralelo disto é a promessa divina a Davi: “E... fiz grande o teu nome, como só os grandes têm na terra” (2 Samuel 7:9).

A promessa divina de engrandecer o nome de Abraão representa um penhor de que o nome dele

seria conhecido mundialmente – especialmente por futuras gerações, que o veriam como o pai dos fiéis (Romanos 4:16). A ideia de engrandecer o nome contrasta com a reputação dos ímpios “valões de renome” de Gênesis 6:4, conhecidos por sua violência, e com os construtores da torre, que buscaram “tornar célebres” seus próprios nomes (obter reputação) agindo em rebeldia contra a ordem de Deus, em 11:4. Este grande nome, porém, não era algo que Abraão alcançaria ou obteria por si só. Deveria ser o resultado do dom de Deus e de Sua obra sublime moldando e usando Abraão. Ele se tornaria “um vaso [de] honra” (2 Timóteo 2:20, 21) e receberia uma parte do cumprimento final do plano divino idealizado para o mundo inteiro.

A próxima parte da promessa – **Sê tua uma bênção** – é geralmente entendida como uma continuação do versículo anterior. Tem sido interpretada de várias maneiras. Alguns alegam que o grande nome dado a Abraão seria mencionado em bênçãos futuras. Outros defendem que aqueles que seguissem o exemplo de Abraão seriam relacionados ao nome dele como exemplos de prosperidade e felicidade. Outro palpite é que esta era simplesmente uma promessa de bênçãos futuras para o mundo, renunciando o que o Senhor estava preste a afirmar na última parte do versículo 3.

Todas estas explicações obscurecem o fato de que a oração hebraica contém, na verdade, um verbo no imperativo declinado na segunda pessoa do masculino singular, exprimindo uma ordem para Abraão “ser uma bênção”³. Sendo assim, não se tratava de uma bênção (o nome engrandecido) que Abraão receberia, nem estava Deus se referindo a bênçãos que outros pronunciariam em nome dele. E esta não era uma profecia de que os descendentes de Abraão um dia lembrariam a prosperidade que o patriarca teve e preveriam as mesmas vantagens em suas próprias vidas. Trata-se de uma ordem para Abraão “ser uma bênção” para as pessoas ao redor dele. Quando Deus abençoa indivíduos ou nações, Ele não concede essas dádivas como um fim em si mesmo, e elas não devem ser retidas. O Senhor quer que os que são abençoados reconheçam que eles, por sua vez, devem empenhar-se para “ser uma bênção” a todos os que cruzam o seu caminho nesta vida.

Versículo 3. O Senhor prosseguiu com outro

²Gordon J. Wenham, *Genesis 1–15*, Word Biblical Commentary, vol. 1. Waco, Tex.: Word Books, 1987, p. 274.

³A ERA e a maioria das versões portuguesas seguem aqui a tradução literal do hebraico, mantendo o imperativo.

conjunto de frases, começando por **abençoarei os que te abençoarem**. Palavras semelhantes foram mais tarde usadas por Isaque, que sem saber abençoou Jacó pensando ser Esaú (27:29). Elas também foram ditas pelo profeta Balaão, que recebeu permissão do Senhor para pronunciar somente bênçãos sobre a nação de Israel (Números 24:9). Nestes dois últimos casos, as respectivas bênçãos foram impessoais, citando apenas “o que te abençoar” e “os que te abençoarem”. Deus, contrariamente, usou a primeira pessoa ao abençoar Abraão dizendo “abençoarei”. As palavras de Deus enfatizam a proximidade do relacionamento entre Ele e o patriarca, bem como Sua preocupação com ele. Todo indivíduo que se relacionasse corretamente com Abraão, Deus abençoaria.

A seguir, o Senhor disse: **Amaldiçoarei os que te amaldiçoarem**. Ao inverso da promessa anterior, quem amaldiçoasse Abraão seria amaldiçoado por Deus, uma vez que tal pessoa não estava se relacionando corretamente com o instrumento escolhido por Deus para trazer bênçãos ao mundo inteiro. Inimigos poderiam amaldiçoar Abraão de várias maneiras: falando mal dele e denegrindo sua reputação, impedindo-o, infligindo danos a ele ou tomando algo (ou alguém) que pertencesse a ele. Por exemplo, Faraó não se relacionou corretamente com o patriarca porque lhe tomou a esposa para o seu harém (12:10–17). Embora tivesse feito isso na ignorância, sem saber que ela era casada, Faraó provocou maldições de Deus (doenças e “pragas”) sobre toda a sua casa com esta ofensa contra Abraão.

O Senhor, então, anunciou a última parte da bênção, e este é o ponto alto e o objetivo final do chamado de Abraão: **Em ti serão benditas todas as famílias da terra**. No versículo 2, Deus havia exortado o patriarca a “ser uma bênção” e agora Ele estendia essa incumbência: Abraão deveria ser um canal de bênçãos a alcançar além das pessoas do seu círculo imediato de parentes, amigos e conhecidos. De fato, a promessa final era impressionante, pois continha uma bênção que deveria beneficiar todas as famílias e povos da terra – até nações estrangeiras, como as mencionadas nos capítulos 4 a 11, além de todos que surgiriam futuramente. Muitos anos depois, Deus reiterou esta promessa a Abraão (22:18), e depois a Isaque (26:4) e finalmente a Jacó (28:14), cujos doze filhos gerariam a nação israelita. O propósito final do Senhor para Abraão se projetava para além da fertilidade

da terra de Canaã e da prosperidade de seus descendentes que nela habitariam. Abraão deveria ser o progenitor de um povo através do qual bênçãos divinas fluiriam, culminando na vinda de Jesus Cristo como seu “descendente” (semente) prometido e “o Salvador do mundo” (João 4:42; Atos 3:25; Gálatas 3:8; 1 Timóteo 2:3–6).

A RESPOSTA DE ABRAÃO AO CHAMADO DIVINO (12:4–9)

⁴Partiu, pois, Abrão, como lho ordenara o SENHOR, e Ló foi com ele. Tinha Abrão setenta e cinco anos quando saiu de Harã. ⁵Levou Abrão consigo a Sarai, sua mulher, e a Ló, filho de seu irmão, e todos os bens que haviam adquirido, e as pessoas que lhes cresceram em Harã. Partiram para a terra de Canaã; e lá chegaram. ⁶Atravesou Abrão a terra até Siquém, até ao carvalho de Moré. Nesse tempo os cananeus habitavam essa terra. ⁷Apareceu o SENHOR a Abrão e lhe disse: Darei à tua descendência esta terra. Ali edificou Abrão um altar ao SENHOR, que lhe aparecera. ⁸Passando dali para o monte ao oriente de Betel, armou a sua tenda, ficando Betel ao ocidente e Ai ao oriente; ali edificou um altar ao SENHOR e invocou o nome do SENHOR. ⁹Depois, seguiu Abrão dali, indo sempre para o Neguebe.

Versículos 4 e 5. Após muitos anos vividos em Harã, Tera, pai do patriarca, morreu (11:32) e **Abrão partiu** pela fé, **como lho ordenara o Senhor** (veja Atos 7:4). Na hora deste chamado para ir **para a terra de Canaã**, ele tinha **setenta e cinco anos**; porém ainda não tinha filhos porque Sara era estéril. Mais uma vez, Abraão foi desafiado a ter fé. Não desejando deixar toda a sua família, levou consigo **Ló, filho de seu irmão**, possivelmente planejando adotá-lo como herdeiro, se Sara continuasse estéril. O escritor não revelou a intenção ou motivo de Abraão.

Então, levando **todos os bens que haviam adquirido, e as pessoas que lhes cresceram em Harã**, Abraão e Ló puseram-se a viajar para a terra de Canaã. O escritor de Hebreus disse que ele “partiu sem saber aonde ia” (Hebreus 11:8). Tudo o que sabia era que Canaã era uma terra distante (mais de seiscentos quilômetros a sudoeste de Harã) e que não seria uma viagem fácil para o patriarca e sua comitiva. Evidentemente, tanto Abraão como Ló levaram consigo um grande número de servos

(ou escravos⁴) para pastorear todos os seus rebanhos e gados; mas estes homens também eram lutadores treinados que poderiam ser chamados ao combate, se a situação o exigisse⁵.

Não era, contudo, uma decisão fácil fazer aquela viagem a pé tão longa e perigosa, deixando para trás a rica bacia hidrográfica do rio Eufrates e passando por regiões esparsamente povoadas, onde os viajantes eram vulneráveis a ataques-surpresa de bandidos. Provavelmente foram para o oeste de Harã, até Carquemis e depois para o sul, até Alepo. Dali, poderiam tomar a rota principal até Damasco⁶ e depois seguir para Canaã. A viagem também seria difícil porque teriam que passar por algumas regiões nada férteis, como a terra natal deles, nas adjacências do rio Bali, perto de Harã. Quando chegaram ao destino final, provavelmente desceram de Basã (conhecida hoje como Colinas de Golã) para o oeste, do outro lado do rio Jordão, adentrando a terra de Canaã.

Versículo 6. Continuando a viajar para o sul, **atravessou Abrão a terra até Siquém**. Esta cidade situava-se no centro da terra de Canaã entre duas montanhas, Ebal e Gerazim⁷. Veio a ser um lugar importante para os patriarcas e os extintos israelitas, sendo mencionada com frequência (33:18; 35:4; 37:12, 13; Josué 24:1; Juízes 9:6; 1 Reis 12:1).

Em Siquém, Abraão foi **até ao carvalho de Moré**, que devia ser o mais proeminente de uma região farta de carvalhos⁸. Foi nesse lugar que, tempos depois, Jacó enterrou os ídolos pertencentes aos membros de sua casa (35:4), Josué erigiu uma grande pedra (Josué 24:25, 26) e Abimeleque foi coroado rei dessa cidade (Juízes 9:6).

A próxima frase admite que **os cananeus habitavam essa terra**. Esta pode ser uma simples observação do autor de que os cananeus já ocupavam a terra quando o patriarca chegou e Deus prome-

teu dá-la a ele e a seus descendentes. Sendo assim, a observação pode servir para explicar por que Abraão não tomou posse da terra imediatamente. Por outro lado, este pode ser um comentário editorial posterior para lembrar os leitores de Gênesis que os cananeus tinham o maior controle da terra quando Abraão ali chegou. Neste caso, a frase teria sido anotada sob a inspiração do Espírito Santo muito tempo depois dos dias de Moisés, após os israelitas terem eliminado os cananeus, uma ameaça real na Terra Prometida. Independentemente do significado preciso desta frase ou das lutas de fé que Abraão já havia experimentado antes de sua chegada à Terra Prometida, o patriarca permaneceu firme em meio à ocupação dos cananeus.

Versículo 7. Apareceu o Senhor a Abrão num momento crucial. Segundo o relato de Gênesis, esta é a primeira menção de uma teofania a Abraão (veja 15:17; 17:1; 18:1), embora Estêvão tenha se referido a uma anterior em Ur, relacionada ao seu primeiro chamado (Atos 7:2)⁹. A forma dessa manifestação divina não está clara; mas, de qualquer maneira, ela confirmou ao patriarca a presença do Senhor naquela nova terra.

Iavé então prometeu: **Darei à tua descendência esta terra**, embora Abraão não tivesse herdeiros até aquele momento. O termo traduzido por “descendência” é o hebraico זרע (zera’), que significa literalmente “semente”. Ele é regularmente usado como um substantivo coletivo e assim traduzido, “descendência”. Neste contexto, é evidente que a “descendência” ou “a semente” de Abraão se refere aos israelitas, que descenderiam dele e herdariam a Terra Prometida, sendo este um tema recorrente em todas as narrativas de Gênesis¹⁰.

Em resposta à teofania e à promessa precedentes, o primeiro ato de Abraão foi edificar **um altar ao Senhor**¹¹. Ele expressou gratidão e louvor a Iavé, o qual o conduziu em segurança pelo longo e perigoso caminho da Mesopotâmia a Harã e dali até Canaã. Embora alguns neguem que esse altar supõe adoração sacrificial, qualquer outro propósito é duvidoso. Uma vez que esta é a primeira referência clara a Abraão edificar um altar

⁴O mesmo termo hebraico (עֶבֶד, ‘ebed) significa “servo” ou “escravo”; contudo, no contexto acima, parece se referir a escravos, pois em 14:14, é dito que os trezentos e dezoito guerreiros de Abraão nasceram na casa dele.

⁵Porque Abraão tinha esse grande contingente de servos/escravos que também eram pastores-guerreiros (14:14), geralmente se estima que sua comitiva compunha-se de mais de mil pessoas, incluindo esposas e filhos.

⁶Abraão pode ter comprado seu servo Eliezer em Damasco (15:2), ao passar por ali a caminho de Canaã.

⁷Na época do Novo Testamento, Sicar ficava perto do antigo local de Siquém (João 4:5). Hoje, a cidade de Nablus ocupa as adjacências.

⁸A mesma expressão hebraica no plural é usada em Deuteronômio 11:30: “os carvalhos de Moré”.

⁹Deus também falou anteriormente com Abraão em Harã (12:1, 4), mas não se menciona que Ele “apareceu”.

¹⁰Veja 13:15, 16; 15:18; 17:7-10, 12, 19; 22:17, 18; 24:7; 26:3; 28:4, 13.

¹¹Vários altares foram edificados pelos patriarcas: Abraão em Siquém (12:7), Betel (12:8), Hebrom (13:18) e no monte Moriá (22:9); Isaque em Berseba (26:25) e Jacó em Siquém (33:20) e Betel (35:7).

sem a menção de animais sacrificados, dizem alguns que o altar foi apenas um símbolo da fé do patriarca em que seus descendentes um dia receberiam a terra que Deus lhes prometera. Todavia, quase desde o começo de Gênesis, vemos que sacrifícios foram feitos a Deus. Abel ofereceu animais a Deus (4:4), Noé fez o mesmo após o dilúvio (8:20) e Abraão mais tarde queimou um carneiro num altar em lugar de seu filho Isaque (22:13). Tal ceticismo decorre das pressuposições dogmáticas sugeridas em *A Hipótese Documentária*, um palpite sobre a autoria do Pentateuco datado do século XIX, segundo o qual sacerdotes de um período muito posterior teriam inventado essa adoração sacrificial e depois inserido esse ato nas histórias patriarcais.

Alguns também especulam que foi somente depois desta teofania que o patriarca finalmente começou a reconhecer que Iavé não era apenas outro deus, mas um deus maior do que os deuses territoriais dos pagãos. Afinal, na antiguidade acreditava-se que os poderes dos deuses se limitavam a regiões geográficas fixas, como Mesopotâmia ou Canaã. Todavia, Abraão provavelmente não teria saído de seu lar em Ur, ou mais tarde de Harã, se já não cresse que Iavé era grande o suficiente para proteger e prover tudo a ele, a seus servos e a todos os seus bens na terra para a qual estava indo.

Sabemos que Abraão, assim como sua família, serviram deuses pagãos antes de o Senhor chamá-los em Ur (Josué 24:2, 3); e não sabemos quanto tempo levou para ele rejeitar todas as ideias pagãs e confiar no Senhor como o único Deus universal. Na verdade, o próprio registro bíblico revela que levou um tempo para o patriarca adotar o conceito de que o Senhor era verdadeiramente “o Todo-Poderoso” (17:1) e nada era “demasiadamente difícil” para Ele (18:14). Por outro lado, Hebreus 11:8 diz que “pela fé Abraão” saiu de sua terra natal “a fim de ir para um lugar que devia receber por herança”. Visto que a fé em Deus envolve não só crer “que Ele é”, mas também crer “que Ele é galardoador dos que O buscam” (Hebreus 11:6), Abraão deve ter confiado que Deus tinha a capacidade e a integridade de cumprir Sua promessa.

Versículo 8. De Siquém, Abraão seguiu **para o monte ao oriente de Betel e armou a sua tenda entre Betel e Ai**. Betel geralmente é identificada como Beitin, que fica aproximadamente a quinze quilômetros ao norte de Jerusalém, e Ai, como

Et-Tell (cerca de três quilômetros de Beitin), embora alguns ainda discutam essa identificação¹². O nome original de Betel era “Luz” (28:19), mas o autor pode ter usado o nome mais novo aqui em antecipação à mudança.

Depois que Abraão armou sua tenda, ele **edificou um altar ao Senhor**. A ênfase pode ser que, aonde quer que fosse, o patriarca nunca usava um altar cananeu. Ele construiu o seu próprio altar. O texto também diz que Abraão **invocou o nome do Senhor** (veja os comentários sobre 4:26). O fato de Abraão invocar o nome de Deus reforça que ele rejeitou a atitude comum do mundo pagão antigo de que terra e deuses são inseparáveis. Invocar o nome de Deus significava que ele reconhecia que Iavé era o Senhor soberano da terra de Canaã, a qual Ele prometera aos descendentes de Abraão.

Versículo 9. O patriarca continuou sua jornada, atravessando a terra do norte para o sul, **para o Neguebe**. O Neguebe era uma grande área na parte sul da Terra Prometida que se estendia aproximadamente das colinas de Judá perto do sul de Berseba até Cades-Berneia. Centenas de anos depois, os israelitas acamparam em Cades, enquanto um representante de cada uma das doze tribos ia espiar a terra de Canaã (Números 13:1–26). A região continha uma população esparsa por causa da falta de chuvas suficientes para a agricultura, cuja média era de uns vinte centímetros por ano. Todavia, a umidade era suficiente para produzir relva ou capim para os rebanhos e gados, pelo menos na primavera.

ABRAÃO E SARA NO EGITO (12:10–20)

Quanto tempo se passou entre os acontecimentos descritos em 12:1–9 e em 12:10–20, não sabemos. As chuvas eram sempre esporádicas na parte sul de Canaã e, naturalmente, era essencial manter uma economia subsistente tanto para os humanos como para os animais. Possivelmente, demorou meses ou até anos para que a chuva começasse a rrear, ameaçando as vidas da comitiva de Abraão, mas chegou a hora em que os viajantes enfrentaram uma decisão crucial de vida ou morte, e eles optaram por sair de Canaã.

¹²Veja uma exposição sobre a identificação de Ai em R. K. Harrison, “Ai” em *The International Standard Bible Encyclopedia*, ed. rev., ed. Geoffrey W. Bromiley. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1979, vol. 1, pp. 81–84.

A Mentira de Abraão no Egito (12:10–16)

¹⁰Havia fome naquela terra; desceu, pois, Abrão ao Egito, para aí ficar, porquanto era grande a fome na terra. ¹¹Quando se aproximava do Egito, quase ao entrar, disse a Sarai, sua mulher: Ora, bem sei que és mulher de formosa aparência; ¹²os egípcios, quando te virem, vão dizer: É a mulher dele e me matarão, deixando-te com vida. ¹³Dize, pois, que és minha irmã, para que me considerem por amor de ti e, por tua causa, me conservem a vida. ¹⁴Tendo Abrão entrado no Egito, viram os egípcios que a mulher era sobremaneira formosa. ¹⁵Viram-na os príncipes de Faraó e gabaram-na junto dele; e a mulher foi levada para a casa de Faraó. ¹⁶Este, por causa dela, tratou bem a Abrão, o qual veio a ter ovelhas, bois, jumentos, escravos e escravas, jumentas e camelos.

Versículo 10. Diante de uma fome, Abraão optou por levar sua comitiva de pessoas, rebanhos e gados **ao Egito, para [ali] ficar**. A razão da migração é repetida com ênfase: Canaã já não podia prover sustento para sua família porque **era grande a fome na terra** (veja 26:1; 41:54, 56; 43:1)¹³.

Evidentemente, Abraão ouvira falar que havia muita comida no Egito. Apesar de a terra em si receber poucas chuvas, a fertilidade do Egito advinha de chuvas que caíam na África central, as quais faziam o Nilo transbordar anualmente, depositando no solo uma camada rica em nutrientes. Então, quando as águas do Nilo baixavam, tendo encharcado o solo, a terra produzia colheitas abundantes. Muitas pessoas viam o Egito como o manancial do mundo mediterrâneo. Em sua maior parte, diferentemente das terras ao redor, o Egito não era tão suscetível a sofrer com as secas.

Além destes benefícios, Abraão tinha ouvido outros boatos. Os egípcios tinham a reputação de matar visitantes que possuíam mulheres bonitas, a fim de tomá-las para si. Aquele não era um lu-

¹³Registros antigos fora da Bíblia relatam pessoas indo para o Egito para sobreviver a uma fome/seca. Por exemplo, uma carta egípcia indica que o Egito permitiu que tribos beduínas de Edom entrassem em seu território e tivessem acesso a poços de água para “se manterem vivos e para manter seu gado vivo” (John A. Wilson, trad., “The Report of a Frontier Official” em *Ancient Near Eastern Texts: Relating to the Old Testament*, 3a. ed., ed. James B. Pritchard. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1969, p. 259).

gar onde Abraão pretendia ficar. “Ficar” (גור, *gur*) significa permanecer como estrangeiro. Ele e Sara viveriam como residentes temporários no Egito, sem vínculos sanguíneos ou direitos de cidadania para protegê-los. As circunstâncias deveriam ter levado o patriarca a parar e procurar a orientação do Senhor sobre qual caminho tomar. A primeira opção de Abraão era ficar na terra para a qual Deus o levou, apesar da fome. Uma segunda possibilidade era sair de Canaã e ir para o Egito. Qualquer curso de ação representaria perigo e possível morte. Mais uma vez, Abraão pode ter relutado com a fé, pois não encontramos indício de que ele levou a questão ao Senhor. Pode ser que ele tenha apenas decidido por conta própria deixar a terra que Deus prometeu aos seus descendentes (12:7) e depois empregar uma mentira como tática de sobrevivência.

Versículos 11 e 12. Quando a comitiva se aproximava do Egito, o patriarca advertiu **Sarai, sua mulher** de que, por ser ela **de formosa aparência**, logo seria notada pelos egípcios. Vendo-a, presumiriam que era mulher dele. Então, disse Abraão: “Eles **me matarão, deixando-te com vida**”. Abraão certamente sabia que, em muitas sociedades da antiguidade, era comum imigrantes correrem perigo. Faltava-lhes o tipo de proteção e apoio desfrutados pelos cidadãos que residiam na própria pátria. Não sabemos por que Abraão se sentiu seguro em Canaã, mas vulnerável no Egito, a não ser pelo fato de parecer notório que pelo menos alguns egípcios roubavam mulheres e assassinavam com impunidade. Além disso, ainda que Abraão talvez não soubesse que o próprio Faraó e seus oficiais praticavam esses atos, ele pode ter suspeitado de que as autoridades governamentais simplesmente faziam vistas grossas para os egípcios que perpetravam essas atrocidades com estrangeiros como ele.

Quanto à beleza de Sara, esse assunto tem gerado muitas perguntas. Como uma mulher com, no mínimo, sessenta e cinco anos¹⁴ era considerada “formosa” a ponto de homens matarem por causa dela? Já foram sugeridas várias explicações, mas a mais provável é que as pessoas da era patriarcal viviam mais tempo e envelheciam mais tardiamente do que nós hoje. Considerando que Sara viveu cento e vinte e sete anos (23:1), ela realmente esta-

¹⁴Abraão tinha setenta e cinco anos quando saiu de Harã (12:4) e Sara era dez anos mais nova que ele (17:17).

va na meia-idade quando ela e Abraão foram para o Egito.

Versículo 13. Abraão rogou a Sara, incentivando-a a **dizer** que ela era **irmã** dele, e não esposa, para que os egípcios o **consider**[assem] e lhe **conserv**[assem] a **vida**. Sara, obviamente, era esposa de Abraão; porém, ela também era sua meia-irmã, pois ambos eram filhos do mesmo pai (Tera), porém de mães diferentes (20:12). Aqui mais uma vez, vemos que o patriarca era imaturo na fé porque estava mais preocupado com seu próprio bem-estar do que com a proteção de sua esposa, e foi por isso que ele tentou esconder dos egípcios sua relação com Sara. Abraão não demonstrou preocupação alguma com a possibilidade de Sara ser levada para a cama de outro homem, ou dela sofrer abuso. Além disso, ele provavelmente não levou em conta se a fé e a vida espiritual dela sobreviveriam a essa concessão da boa moral por causa da mentira do marido. E o registro bíblico não relata que Abraão tenha rogado ao Senhor que o protegesse daqueles que intentassem o mal contra ele naquela terra estrangeira. Tudo indica que ele apenas decidiu mentir a respeito de sua mulher, demonstrando que sua única relação com ela era a de um irmão.

Alguns comentaristas procuram suavizar os atos de Abraão conjecturando que o que ele realmente esperava ao alegar ser irmão de Sara era evitar a aproximação de pretendentes e suas propostas de casamento – o que ele jamais permitiria de fato. Talvez ele planejasse esperar somente até a fome passar para voltar com a família para Canaã. Entretanto, essa racionalização visando justificar o patriarca não encontra base no texto. O relato indica claramente que Abraão agiu covardemente ao persuadir a esposa a mentir sobre o casamento deles com o intuito de salvar-se de quem procurasse matá-lo.

Versículos 14 e 15. Quando Abraão entrou no **Egito**, tal como ele temia, **viram os egípcios que [Sara] era sobremaneira formosa. Os príncipes de Faraó**¹⁵ também observaram a beleza de Sara e repassaram essa informação ao rei. Por conta disso, ela foi **levada para a casa de Faraó**. O texto não diz nada sobre a reação de Sara ao pedido de Abraão. Como ela se sentiu em relação ao esquema frau-

¹⁵Na linguagem egípcia, o termo “faraó” significava originalmente “grande casa”, uma referência ao palácio do rei. Com o passar do tempo, veio a ser usado como título para o próprio rei.

dulento do marido? Ela o aprovou e prontamente cooperou quando os príncipes egípcios a levaram para o harém do Faraó? O silêncio de Sara nos leva a pensar que ela colaborou com o estratagema para poupar a vida do marido, mesmo se sentindo desamparada nessa situação. Sem dúvida, ela sentiu repulsa diante da ideia de ser violada por um total desconhecido, com quem foi obrigada a se casar.

Versículo 16. Nesse ínterim, para compensar Abraão pela perda da suposta irmã¹⁶, Faraó presenteou-o generosamente com **ovelhas, bois, jumentos, escravos e escravas, jumentas e camelos**. Os animais e escravos aqui enumerados estavam tipicamente associados a pessoas ricas, sobretudo no período patriarcal (veja 20:14; Jó 1:3). Neste período primitivo da história, o fator determinante da riqueza de um indivíduo não era dinheiro no banco nem investimentos em ações e títulos. A riqueza estava basicamente no gado e nos escravos; ou seja, contava-se a riqueza de uma pessoa pelo número de animais que ela possuía e pela quantidade de escravos que pastoreavam o seu gado. Com base nisto, Abraão foi se tornando um homem rico. O mesmo aconteceu com Ló, que deve ter acompanhado Abraão no Egito (veja 13:1), embora o relato não o mencione. O próximo capítulo relata que os rebanhos e gados dos dois eram tão grandes que surgiu uma disputa entre os servos por pastos suficientes para todos os animais. Se não havia água e capim suficientes para os animais e servos de Abraão sobreviverem em Canaã durante a fome, como os rebanhos, gados e agregados de seu sobrinho teriam sobrevivido e se multiplicado, a menos que tivessem acompanhado Abraão até o Egito?¹⁷

A menção de “camelos” como parte do presente de Faraó a Abraão geralmente é vista como um anacronismo por alguns eruditos bíblicos, pois esses animais só passaram a ser comuns no mundo antigo na última parte do segundo milênio a.C. Todavia, hoje existem algumas evidências de camelos domesticados já em 2700 a.C. no Irã, em 2300 a.C. no vale do Indo e perto do fim do terceiro e come-

¹⁶Esse pagamento deveria ser entendido como um “dote” (מֹהָר, *mohar*) (veja 34:11, 12; Êxodo 22:16; 1 Samuel 18:22–27). Visto que o pai de Sara já não vivia (11:32), o dote da noiva foi pago ao irmão dela, Abraão.

¹⁷Se Abraão teve que deixar Canaã e ir para o Egito por causa da fome, parece plausível se presumir que Ló e todas as pessoas que estavam com ele, juntamente com seus animais, também tiveram que acompanhar Abraão em busca de alimento e água.

ço do segundo milênio a.C. no sul da Arábia. E na região do Neguebe (sul) da antiga Canaã, ossos de camelos foram descobertos em contextos humanos em Arade, datando de cerca de 2900 a.C., e em Bir Residim, datando de 1900 a.C.¹⁸ Esta última data não é muito posterior ao tempo de Abraão. A escassez de referências a camelos nos relatos antigos pode ser devida a eles serem considerados um artigo de luxo. Nesse caso, as referências antigas a esses animais em Gênesis só enfatizam a riqueza dos patriarcas (veja 13:2; 24:10; 26:12–14; 31:34).

A Repercussão da Mentira (12:17–20)

¹⁷Porém o Senhor puniu Faraó e a sua casa com grandes pragas, por causa de Sarai, mulher de Abrão. ¹⁸Chamou, pois, Faraó a Abrão e lhe disse: Que é isso que me fizeste? Por que não me disseste que era ela tua mulher? ¹⁹E me disseste ser tua irmã? Por isso, a tomei para ser minha mulher. Agora, pois, eis a tua mulher, toma-a e vai-te. ²⁰E Faraó deu ordens aos seus homens a respeito dele; e acompanharam-no, a ele, a sua mulher e a tudo que possuía.

Versículo 17. A esta altura da história, Deus interveio e **puniu Faraó e a sua casa com grandes pragas** porque ele levara **Sara, mulher de Abrão**. A Bíblia não indica a natureza das pragas que o Senhor mandou contra a casa do Faraó. O termo hebraico נִגַּף (*nega'*) geralmente se refere a doenças que uma pessoa pode ter contraído de outra, como doenças de pele ou lepra (Levítico 13 e 14). Todavia, às vezes pragas aconteciam como resultado direto de uma punição divina, como no caso do Egito nos dias de Moisés (Êxodo 11:1) e a lepra que Deus infligiu ao rei Uzias (2 Reis 15:5¹⁹).

O Faraó evidentemente creu que as pragas provinham de um deus que o amaldiçoava porque ele tomara a mulher de Abraão. Considerando que o Faraó acreditava ser ele mesmo um deus, ele só teria reagido com respeito diante de Abraão e Sara, se estivesse mesmo convencido de que um deus poderoso o estava castigando por causa do casal. Nisto ele estava certo, pois Deus prometeu a Abraão: “amaldiçoarei os que te amaldiçoarem”

¹⁸Juris Zarins, “Camel” em *The Anchor Bible Dictionary*, ed. David Noel Freedman. Nova York: Doubleday, 1992, vol. 1, pp. 825–26.

¹⁹A forma verbal de *nega'* é usada em 2 Reis 15:5, que afirma: “o Senhor feriu ao rei” (grifo meu).

(12:3). Pelo menos neste contexto, o Faraó não agiu corretamente com Abraão ao tomar sua mulher. Por isso ele sofreu maldições (pragas).

Versículos 18 e 19. Embora o texto não contenha detalhes, de algum modo, o rei concluiu que o Deus de Abraão era responsável pelas pragas que sobrevieram à sua casa (12:17). Então, **chamou, pois, Faraó a Abrão**. Desejando absolver-se da culpa e depositar toda a culpa no patriarca, ele fez três perguntas:

1. **Que é isso que me fizeste?**
2. **Por que não me disseste que era ela tua mulher?**
3. **E me disseste ser tua irmã? Por isso, a tomei para ser minha mulher (?)**

Será que Abraão tentou responder essas perguntas? Se ele tentou, as respostas não foram registradas²⁰. Evidentemente, sabemos que ele persuadiu Sara a mentir e que ele estava pessoalmente envolvido nessa farsa ao rei do Egito. Por outro lado, embora o Faraó tenha agido por ignorância, ele não era de modo algum inocente. Ainda que tenha alegado inocência, o Faraó também era culpado. No mundo antigo, os desejos de governantes déspotas não podiam ser negados; e Abraão agiu por medo de revelar a verdadeira relação que tinha com Sara. Além disso, é questionável que faria alguma diferença positiva para Abraão ter revelado sua verdadeira relação conjugal com Sara. Se as histórias sobre o tratamento rude dos egípcios para com os estrangeiros e suas esposas tinham alguma consistência, o patriarca teve um motivo legítimo para temer o Faraó. O problema era que a fé de Abraão ainda era débil; ele ainda não conseguia confiar que Iavé impediria os egípcios de frustrarem Seu plano de abençoar todas as nações da terra através dos descendentes do patriarca (12:3).

Mesmo que Abraão tenha tentado responder as perguntas do Faraó, o rei não estava a fim de ouvir as desculpas. Ele já tinha enriquecido aquele estrangeiro com ovelhas, bois, jumentos e escravos, e agora ele estava constrangido perante Abraão e amaldiçoado pelo seu Deus. Então, o rei disse bruscamente: “Agora, pois, eis a tua mulher, toma-a e vai-te” (12:19). O Faraó não pediu a devolução dos animais e escravos, provavelmente por-

²⁰Todavia, a resposta dele numa situação semelhante está registrada em 20:11–13.

que ele temia mais pragas de Deus.

Versículo 20. No entendimento do Faraó, o melhor curso de ação era tirar Abraão do Egito o mais rápido possível. Portanto, ele **deu ordens aos seus**

homens para que escoltassem **a Abraão, a sua mulher e a tudo que possuía** até a fronteira do país. “Tudo” que Abraão possuía incluía os abundantes presentes que ele recebera do Faraó (12:16).

Autor: Bill Grasham

© A Verdade para Hoje, 2016

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS